

## VIRGÍNIA LEITE, ENFERMEIRA DA FEB NA SEGUNDA GUERRA

VIRGINIA LEITE, FEB NURSE IN WORLD WAR II

*Ehrenfried Othmar Wittig\**

**Palavras-chave** – Segunda Guerra, enfermeira, voluntário, expedicionários, centenário.

**Keywords** – Second War, nurse, volunteer, expeditionary, centenary.

Natural de Irati (PR), onde nasceu em 1916, a professora Virgínia Leite tinha 29 anos de idade quando embarcou para uma Nápoles já em ruínas, na Itália, para atuar como enfermeira pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao final da Segunda Guerra Mundial. Ela partiu para a missão juntamente com outras 72 brasileiras, sete delas suas colegas no curso de enfermagem realizado na Cruz Vermelha, em Curitiba: Maria Suarez, Acácia Cruz, Wanda Majewski, Edith Fanha, Jaci Cheves, Hilda Ribeiro e Guilhermina Gomes. Ela passou oito meses na Itália, entre 1944 e 1945 (neste período, mais de 25 mil soldados e oficiais da FEB combateram



*Virgínia Leite,  
com uniforme militar*

---

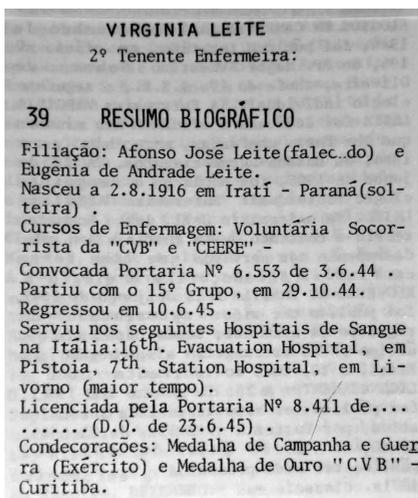
\* Diretor do Museu de História da Medicina da Associação Médica do Paraná.

na Itália), auxiliando na atenção aos soldados brasileiros e de outras nacionalidades feridos em combate. Não chegou a atuar nas linhas avançadas, mas no cumprimento do dever ajudou a suavizar os temores dos combatentes e experimentou vividamente os terrores da guerra: “Eu não via, mas escutava os aviões alemães passando por cima do hospital. Dava dor no estômago”.

“Prestou serviços no 7º Hospital Geral de Livorno, porto de mar, e no 16º Hospital de Evacuação, em Pistoia, mais próximo da linha de frente. Lá atendeu centenas de feridos brasileiros e americanos, bem como a população local. Fez da sua profissão um ato de fé e humanismo, ajudou a aliviar a dor dos homens feridos e a acalantar os seus sofrimentos. Do retorno à pátria, buscou superar a si mesma, uma página virada na vida. Com o seu testemunho perante a geração atual, procurou mostrar com dignidade

o papel do soldado, uma homenagem sua pessoal aos mortos que tombaram nos campos de batalha”. O depoimento de Carmen Rigoni foi inserido no Portal da FEB no início de janeiro de 2012, logo após a morte de Virgínia, aos 95 anos. Era a última sobrevivente daquele grupo de enfermeiras voluntárias paranaenses (do grupo total de 73, quando ela faleceu ainda estava viva Dona Carlota Mello, residente em Belo Horizonte, MG). Foi sepultada no Cemitério do Água Verde, na Capital, com honras militares.

A professora ainda foi reformada pelo Exército e ganhou o cargo de 1.ª tenente, além de diversas medalhas, como uma com o símbolo da Força Expedicionária Brasileira (FEB), entregue a todos que estiveram em batalha, e a de Ana Néri, a primeira enfermeira brasileira (que esteve na Guerra do Paraguai). Virgínia foi uma das fundadoras da Legião Paranaense do Expedicionário e depois do próprio Museu,



em Curitiba, no ano de 1982, tendo percorrido várias regiões do País recolhendo peças e equipamentos que pertenceram à FEB. Numa ocasião, assustou a todos ao embarcar em um ônibus com uma arma. Teve de dar explicações. Não era para uso pessoal. A peça estava sendo levada para compor o acervo do museu da Casa do Expedicionário.

Numa entrevista dada três anos antes de falecer, ela contou como descobriu que a guerra tinha acabado, como reagiu e como foi a volta ao Brasil: “Nós estávamos no hospital. E lá, por duas vezes, vieram notícias falsas sobre o fim da guerra. Então vinha a notícia, nós ficávamos contentes. Mas de repente não era verdade e nós ficávamos tristes, lógico. E quando veio a notícia verdadeira foi um carnaval. A volta foi um sentimento de muita alegria. Ninguém faz ideia do que é uma guerra sem ter passado por ela”. Eu me readaptei bem, porque era professora e voltei a exercer a profissão. Mas logo que voltei, tive uma depressão muito grande e quando estava fazendo tratamento, caí, tive fratura de coluna e fui reformada”.

A depressão que ela se referiu a fez mudar-se de Irati para Curitiba, para procurar tratamento. Pouco depois, sofreu sério acidente ao cair no fosso de um elevador, fraturando três vértebras e passando nove meses internada em recuperação. Por essa razão aposentou-se por invalidez com pouco mais de 30 anos de idade. Foram quase duas décadas de dificuldades de locomoção, mas que não a impediram de desenvolver atividades da legião e do Museu do Expedicionário. Santa Leite, como era conhecida em sua cidade natal, recebia a visita de todos os comandantes que assumiam o Exército em Curitiba. Manteve memória lúcida até o fim da vida e gostava de conversar e mostrar seu acervo de fotos, especialmente os dos encontros pós-guerra.

No ano da morte de Virgínia, a Câmara Municipal de Curitiba aprovou projeto para nomear logradouro público em sua homenagem, enquanto enfermeira que se alistou voluntariamente para atuar no conflito mundial. No ano do centenário de seu nascimento, foram raras as lembranças para homenageá-la. Ela nunca casou. O irmão mais velho participou da Revolução de 24 e o outro da segunda revolução de 1930, aos quais surpreendeu quando decidiu deixar a pacata Irati. “Eu senti que precisava fazer alguma coisa para mudar o horror da guerra que acompanhávamos pelos jornais e pelo rádio. Era professora e sem saber ao certo o que vinha pela frente, me alistei no curso de enfermagem. Mandaram ficar com a mala pronta e eu fiquei”, recordou em bela reportagem publicada por Sarah Corazza, na revista Ideias, em maio de 2011.